

# EDUCAÇÃO EMOCIONAL: A FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES A PARTIR DOS TEMAS FRATURANTES NAS OBRAS DE LYGIA BOJUNGA

Elís Gabrielle Cabral Marója <sup>1</sup>  
Clarice Gabrielle Moraes de Barros <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a abordagem de temas fraturantes na Literatura Juvenil brasileira a partir das obras de Lygia Bojunga. *A bolsa amarela* (1976) e *O meu amigo pintor* (2006). A análise comparativa das obras, em um estudo qualitativo de natureza interpretativa, destaca a profundidade psicológica das personagens principais, Raquel e Cláudio, e a maneira como seus sentimentos e suas relações com os adultos impactam seu desenvolvimento emocional. Nesse sentido, será explorado o panorama histórico da Literatura Juvenil no âmbito nacional, os temas fraturantes em correlação com essa categoria literária, bem como a leitura no espaço escolar, e a construção subjetiva dos jovens protagonistas. Para tanto, elegeu-se teóricos como Philippe Ariès (1978), Lajolo e Zilberman (2017), Corso e Corso (2013) e Andruetto (2012). Além disso, a pesquisa adota uma perspectiva interdisciplinar e dialoga com abordagens críticas e psicanalíticas para compreender os processos emocionais na adolescência, destacando a importância de se utilizar do potencial transformador e do espaço simbólico das narrativas humanizadas para a formação de leitores críticos e sensíveis (Ferreira, 2011; Torres, 1999). Ademais, reflete sobre o papel da educação na formação integral do indivíduo, considerando as dimensões emocionais e afetivas como essenciais ao processo de aprendizagem. Ao final, a análise proposta não apenas enriquece a compreensão literária, mas também ressalta a importância de promover um diálogo necessário entre o leitor e sua própria subjetividade, concomitante a uma educação mais inclusiva, afetiva e transformadora.

**Palavras-chave:** Educação Emocional, Literatura Juvenil, Temas Fraturantes, Lygia Bojunga.

## INTRODUÇÃO

A literatura, enquanto manifestação simbólica e estética, constitui-se como um espaço privilegiado para a construção da sensibilidade e da subjetividade humanas. Em diálogo com Antonio Candido (2014), entende-se que a literatura não apenas reflete as condições sociais, mas também atua como uma força ativa na formação e transformação das experiências individuais e coletivas. Nesse sentido, a leitura literária, especialmente quando voltada para o público juvenil, assume um papel essencial na formação integral

---

<sup>1</sup> Aluna especial do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/ UFPB) e graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa (Licenciatura) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [elis.gabrielle@academico.ufpb.br](mailto:elis.gabrielle@academico.ufpb.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa (Licenciatura) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [clarice.gabrielle@academico.ufpb.br](mailto:clarice.gabrielle@academico.ufpb.br).





protagonistas. Para tanto, foram eleitos teóricos como Philippe Ariès (1978), que problematiza a invenção moderna da infância; Lajolo e Zilberman (2017), que discutem o papel formativo da literatura juvenil; Corso e Corso (2013), que abordam o valor simbólico das narrativas no desenvolvimento emocional; e Andruetto (2012), que defende uma literatura sem adjetivos, voltada à humanização do leitor.

Além disso, esta pesquisa adota uma perspectiva interdisciplinar, articulando estudos literários, psicanalíticos e educacionais para compreender os processos emocionais na adolescência, destacando o potencial transformador e o espaço simbólico das narrativas humanizadas para a formação de leitores críticos e sensíveis (Ferreira, 2011; Torres, 1999). Com base nessa abordagem, entende-se que a literatura exerce um papel essencial na formação integral do indivíduo, na medida em que considera as dimensões cognitivas, emocionais e afetivas como partes indissociáveis do processo de aprendizagem e de constituição subjetiva.

Dessa forma, a análise proposta não apenas enriquece a compreensão da literatura juvenil de Lygia Bojunga, mas também reafirma a importância da leitura literária como meio de promover o diálogo entre o leitor e sua própria subjetividade, estimulando uma educação mais afetiva, inclusiva e transformadora. Ao revelar o poder humanizador da arte e da palavra, as obras analisadas demonstram que a literatura para jovens pode e deve abordar as dores e dilemas da vida real, auxiliando o leitor a compreender o outro e a si mesmo por meio da sensibilidade estética.

## METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter interpretativo, uma vez que busca compreender, por meio da análise literária, as representações da infância, as relações entre adultos e crianças e a presença de temas fraturantes nas obras selecionadas. Tal abordagem visa interpretar as produções literárias de Lygia Bojunga não apenas como criações estéticas, mas também como espaços simbólicos de elaboração emocional e social, capazes de promover reflexões sobre a formação subjetiva e afetiva do leitor juvenil.

O corpus da pesquisa é composto pelas obras *A bolsa amarela* (1976) e *O meu amigo pintor* (2006), ambas de autoria de Lygia Bojunga, que se destacam por abordarem, de forma sensível e inovadora, os conflitos emocionais da infância e da adolescência. A escolha dessas narrativas justifica-se por sua relevância no contexto da literatura juvenil brasileira, uma vez que evidenciam o papel pioneiro de Bojunga na



inserção de personagens complexas, dotadas de desejos, contradições e vulnerabilidades, rompendo com a tradição de obras voltadas exclusivamente ao entretenimento ou à instrução moral.

Para o desenvolvimento da pesquisa, traçou-se um panorama histórico da concepção de infância, com enfoque na forma como, ao longo do tempo, consolidou-se a necessidade de moldar e moralizar os infantes, o que culminou na criação da dicotomia entre o “mundo adulto” e o “mundo infantil”. Essa discussão ancora-se nas contribuições de Philippe Ariès (1978), que analisa a invenção moderna da infância, e de John Locke (2019), cuja concepção da criança como tábula rasa fundamentou a visão de dependência intelectual e emocional em relação aos adultos. Somam-se a essas reflexões os apontamentos de Cunha (2006), ao abordar o papel pedagógico da literatura infantil, e de Soares (2011), ao problematizar os riscos da escolarização inadequada da leitura literária, que muitas vezes reduz o texto à sua função moralizante.

Nesse contexto histórico e crítico, evidencia-se o papel precursor de Lygia Bojunga ao inserir, em suas narrativas, o aprofundamento de personagens infantis e juvenis com desejos, angústias e complexidades psicológicas. Sua escrita desloca a literatura juvenil do campo do didatismo e a aproxima de uma dimensão simbólica e humanizadora, em consonância com as reflexões de Antonio Candido (2007; 2014), para quem a literatura é simultaneamente um bem simbólico e um direito humano, capaz de humanizar o leitor por meio da experiência estética. Tal perspectiva permite compreender o valor social e formativo das obras de Bojunga, que propõem o diálogo entre arte, subjetividade e educação emocional.

O percurso metodológico adotado fundamenta-se, portanto, em uma análise comparativa e interpretativa das duas obras, com um olhar voltado para os enredos, a individualidade das personagens principais, o tom narrativo e, sobretudo, as relações estabelecidas entre Raquel e Cláudio com os adultos de suas respectivas histórias. A comparação busca identificar as convergências e divergências que configuram as representações da infância e da adolescência nas obras de Bojunga, observando como os elementos narrativos- como o uso da fantasia, o diário, a metáfora cromática e o não dito - expressam as tensões entre o silêncio, o desejo e a formação emocional.

Para sustentar a leitura crítica, a pesquisa ancora-se em Lajolo e Zilberman (2017; 2006), que discutem o papel histórico e pedagógico da literatura juvenil; em Corso e Corso (2013) e Andruetto (2012), que abordam o potencial simbólico das narrativas e a construção emocional do leitor; e em Ferreira (2011) e Torres (1999), que



ressaltam a importância das dimensões afetivas e emocionais na formação integral do sujeito. O diálogo entre esses referenciais evidencia o caráter interdisciplinar da pesquisa, que integra perspectivas da teoria literária, da psicanálise e da educação, compreendendo a leitura literária como um exercício de empatia, sensibilidade e reflexão crítica.

Por fim, a metodologia adota uma perspectiva de leitura crítico-analítica e humanizadora, conforme propõe Candido (2014), entendendo o texto literário como espaço de experiência estética e ética. Dessa forma, o estudo das obras *A bolsa amarela* (1976) e *O meu amigo pintor* (2006) permite compreender como a escrita de Lygia Bojunga contribui para a educação emocional e a formação leitora, ao propor narrativas que exploram o sofrimento, o desejo e a busca de sentido como parte essencial do amadurecimento humano.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito moderno de infância começou a se delinear a partir do século XVI, diferenciando-se da visão anterior, na qual crianças eram rapidamente integradas à comunidade e submetidas às mesmas experiências dos adultos (Ariès, 1978). Nessa conjuntura, práticas como a contação de histórias por anciãos transmitiam costumes e valores religiosos ou morais, constituindo uma literatura não especificamente voltada ao público infantil (Cunha, 2006). Com a consolidação da distinção entre infância e vida adulta, a criança deixou de ser concebida como “pequeno adulto” e passou a ser associada à inocência, à pureza e à fragilidade. Tal idealização reforçou a compreensão da infância como fase de formação, em que o sujeito, considerado incompleto, deveria ser moldado para atender às exigências sociais e desenvolver competências próprias da vida adulta.

Análogo a esse movimento histórico de redefinição da infância, emergiu a teoria proposta por John Locke (2019) em *Ensaio sobre o entendimento humano*, que buscou compreender a origem das ideias e refutar o inatismo, ao defender que o conhecimento não é inato ao ser humano nem está inscrito em sua alma. Para sustentar tal argumento, o autor recorre à figura da criança como exemplo empírico:

Em primeiro lugar, é evidente que não só todas as crianças, como os idiotas, não possuem delas a menor apreensão ou pensamento. Esta falha é suficiente para destruir o assentimento universal que deve ser necessariamente concomitante com todas as verdades inatas, parecendo-me quase uma contradição afirmar que há verdades impressas na alma que não são



percebidas ou entendidas, já que imprimir, se isto significa algo, implica apenas fazer com que certas verdades sejam percebidas (Locke, 2019, p.38).

A partir dessa ideia, a criança passou a ser concebida como uma *tábula rasa*, desprovida de ideias inatas, cuja formação depende integralmente da experiência sensível e da intervenção adulta. Essa visão reforça a infância como período de dependência intelectual e moral, legitimando o papel educativo dos adultos no processo de moldar e preparar os infantes para a vida social e racional da idade adulta. Posteriormente, emergiu o conceito de juventude, entendido como um período de transição entre a infância e a vida adulta. Trata-se de uma fase caracterizada por intensas descobertas, conflitos e processos de construção identitária.

Inserida nesse contexto, a Literatura Juvenil brasileira, que começou a se consolidar no final do século XIX, firmou-se como um subsistema dinâmico da literatura nacional. Mais do que um meio de entretenimento, tornou-se um espaço de reflexão crítica sobre a vida e a sociedade, contribuindo significativamente para a formação estética e intelectual dos jovens leitores. Entre os fatores que impulsionaram seu desenvolvimento, destacam-se o processo de urbanização, a escolarização da leitura, as adaptações de clássicos e a atuação de autores emblemáticos, como Monteiro Lobato. Além disso, a criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e a expansão do mercado editorial consolidaram um cenário propício à ampliação do público leitor.

Com o tempo, a literatura destinada à juventude deslocou-se de uma perspectiva idealizada e moralizante para uma abordagem mais realista e crítica, sensível às complexidades sociais, emocionais e existenciais contemporâneas. Desse modo, a crescente diversificação temática, o uso de novas técnicas narrativas e a inserção no meio digital revelam o avanço em direção a uma produção literária mais inclusiva e representativa, comprometida com a formação de leitores reflexivos e conscientes (Lajolo e Zilberman, 2017).

Nos primórdios da Literatura Juvenil brasileira, o contexto social conturbado influenciou tanto a produção literária quanto a recepção das obras. A escolarização ampliou o acesso dos jovens, mas também impôs uma perspectiva moralizadora e patriótica, criticada posteriormente por desvirtuar o valor estético e crítico da literatura (Soares, 2011), especialmente em obras que abordam temas complexos. Gradualmente, a literatura juvenil passou a explorar questões sociais e existenciais, consolidando-se como um campo inclusivo e crítico. A diversidade de gêneros, temáticas e técnicas



reforça seu papel na formação de leitores sensíveis e reflexivos. Em constante evolução, a Literatura Juvenil articula entretenimento, educação e reflexão crítica, promovendo o desenvolvimento cultural e intelectual das novas gerações.

Ademais, a Literatura Juvenil propicia aos leitores a oportunidade de compreender não apenas os desafios inerentes à transição entre a infância e a vida adulta, mas também as questões universais que atravessam todas as etapas da experiência humana. Nesse percurso, as narrativas que tratam de temas fraturantes configuram-se como espaços de reflexão e de elaboração identitária, nos quais o jovem leitor pode reconhecer e ressignificar suas próprias vivências. Como afirmam Corso e Corso (2013):

Frequentar as histórias imaginadas por outros, seja escutando, lendo, assistindo a filmes ou a televisão ou ainda indo ao teatro, ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vistas diferentes. Habitar essas vidas de fantasia é uma forma de refletir sobre destinos possíveis e cotejá-los com o nosso. Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos, outras, encarna ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões ilumina cantos obscuros do nosso ser. O certo é que escolhemos aqueles enredos que nos falam de perto, mas não necessariamente de forma direta, pode ser uma identificação tangencial, enviesada (Corso e Corso, 2013, p. 20).

Embora essenciais para o desenvolvimento da consciência crítica e emocional, os temas abordados pela Literatura Juvenil (como depressão, luto, violência e alienação) frequentemente despertam desconforto e controvérsias, exigindo tratamento sensível por parte de autores e educadores. Ao refletir sobre essas experiências, a produção contemporânea não apenas acompanha as transformações sociais, mas também espelha as crises e desafios que atravessam a juventude. Nessa perspectiva, a ficção, conforme observa Andruetto (2012), amplia o horizonte do leitor ao oferecer um espaço de escape e contemplação, permitindo o contato com outras realidades e modos de existência:

A ficção, cuja virtualidade é a vida, é um artifício cuja leitura ou escuta interrompe nossas vidas e nos obriga a perceber outras vidas [...] Palavra que chega pelo que diz, mas também pelo que não diz, pelo que nos diz e pelo que diz de nós, tudo que facilita o caminho até o assombro, a comoção, o descobrimento do humano particular, mundos imaginários que deixam surgir o que cada um traz como texto interior e permitem compartilhar os textos/mundos pessoais com os textos/mundos dos outros. Possibilidade de criar um impasse, de esgueirar-se, por um momento, da pesada flecha do real que, indefectivelmente, nos atravessa, para imaginar outros roteiros (Andruetto, 2012, p. 55).

A abordagem de temas fraturantes na Literatura Juvenil proporciona aos jovens leitores o contato com realidades frequentemente presentes em seu cotidiano, mas raramente discutidas em espaços convencionais. Trata-se de uma oportunidade singular para que enfrentem suas próprias complexidades emocionais e sociais de forma



simbólica e introspectiva. Ao permitir que habitem universos imaginários, a literatura favorece o enfrentamento dos conflitos internos e estabelece um diálogo entre o individual e o coletivo, preservando sua dimensão estética e afastando-se de uma função meramente utilitarista.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise comparativa das obras *A bolsa amarela* (1976) e *O meu amigo pintor* (2006), de Lygia Bojunga, mostra a ruptura da autora com o padrão de produção literária voltada para o público infanto-juvenil, que apresentavam um caráter moralizante e pedagógico e consideravam a infância uma etapa de inocência e fragilidade. Em ambas as narrativas, Bojunga dá voz e profundidade emocional aos personagens infantis, permitindo que eles expressem sentimentos ambíguos e experiências de sofrimento, como solidão e luto, algo até então incomum nas histórias juvenis. Tal escolha literária evidencia o papel precursor da autora no tratamento dos temas fraturantes, que subvertem a romantização tradicional da infância e apresentam ao jovem leitor questões emocionais complexas.

Em *A bolsa amarela* (1976), Bojunga destaca a fantasia e a imaginação infantil como refúgio para Raquel diante do mundo adulto. Filha caçula com grande diferença de idade em relação aos irmãos, ela é a única criança da casa e não encontra interlocução, pois pais e irmãos já são “gente grande” e pouco compreendem suas inquietações. Raquel nutre três grandes desejos - crescer, ser homem e escrever - sendo os dois primeiros motivados pela insatisfação com sua condição de menina e pelas restrições impostas às “coisas de menina”, enquanto observa nos meninos uma liberdade que ela almeja. O desejo de crescer reflete ainda sua percepção do mundo adulto como um espaço de possibilidades e complexidades do qual é excluída por sua infância e posição familiar.

Por fim, surge o desejo de ser escritora. Excluída e negligenciada, Raquel cria personagens imaginários e escreve cartas para eles, encontrando um espaço para expressar suas angústias. Inicialmente, dedica-se a romances como o de Rei, um galo rebelde, mas ao ter sua história espalhada e ridicularizada pela família, abandona temporariamente a escrita. O enredo se transforma com a doação de uma bolsa amarela pela tia, grande e com nove bolsos, onde Raquel guarda seus três desejos e personagens como o galo Rei (renomeado Afonso), o Alfinete de Fralda e Terrível, primo de Afonso. A bolsa simboliza um refúgio para seus sentimentos e vontades negligenciados,



permitindo que sua criatividade imagine um mundo mais rico e acessível, escapando da solidão imposta pelo universo adulto.

Na obra *O meu amigo pintor*, de Lygia Bojunga (2006), acompanhamos Cláudio, garoto que desenvolve amizade com seu vizinho pintor, cuja vida e personalidade exercem forte influência sobre ele. A narrativa transcende a simples relação entre jovem e adulto, evidenciando caráter simbólico e emocional. Por meio da amizade, Cláudio adquire visão mais complexa do mundo e da arte, que se torna ponte entre ambos. As cores ganham papel central, simbolizando sentimentos e estados emocionais, enquanto o pintor atua como guia emocional.

Contada em primeira pessoa, no formato de diário, a narrativa permite acesso direto aos pensamentos e emoções de Cláudio, especialmente após a morte do amigo (Bojunga, 2006). A autora constrói uma atmosfera densa, em que o não-dito é tão relevante quanto o explícito, e o simbolismo das cores expressa emoções que o protagonista não verbaliza. Cada traço de tinta reflete seu estado emocional, marcando a progressão de sua jornada intelectual e afetiva. A relação entre os personagens baseia-se em conexão emocional e intelectual, mediada pela arte. O pintor provoca reflexões que Cláudio inicialmente não compreende, manifestando-se simbolicamente na narrativa. Revelado de forma súbita e quase casual, o suicídio do pintor rompe a vida do garoto, intensificando confusão e sentimentos de abandono (Bojunga, 2006, p. 29-32). A obra enfatiza consequências emocionais, não causas do ato, aprofundando a complexidade do protagonista.

Segundo Antonio Candido (2007, p. 63), Cláudio exemplifica personagem esférica, que demonstra camadas de sentimentos, pensamentos e atitudes, surpreendendo o leitor. O luto adolescente é explorado sensivelmente, revelando impacto transformador da perda (Bojunga, 2006). A recusa dos adultos em tratar o suicídio de forma aberta cria lacuna emocional, prejudicando elaboração saudável da dor, conforme aponta Torres (apud Ferreira et al., 2011, p. 6). O silêncio adulto reforça sensação de inadequação das perguntas e emoções de Cláudio, evidenciado quando ele compara o suicídio a um “palavrão” (Bojunga, 2006, p. 32). Em resposta, o garoto cria a “cor-de-saudade”, tentando nomear e materializar a dor da ausência. Essa invenção expressa criatividade emocional e resistência ao silêncio, permitindo a Cláudio lidar com complexidade afetiva sem suporte externo. Bojunga (2006) aborda o tema do suicídio com sutileza, evitando sensacionalismo ou moralização, focando nas reações do protagonista e no amadurecimento emocional provocado pela perda. A morte do pintor



leva Cláudio a refletir sobre a finitude da vida, seus medos e sonhos, como evidenciado ao observar as cores do álbum deixado pelo amigo (Bojunga, 2006, p. 11, 24). A obra, assim, articula arte, luto e crescimento emocional, oferecendo narrativa profunda e simbólica.

Paralelamente, as duas obras apresentam uma abordagem complexa e inovadora das emoções infantis. Enquanto em *A bolsa amarela* Raquel transgride a opressão e o silenciamento do mundo adulto mediante os seus desejos, em *O meu amigo pintor*, Cláudio enfrenta um conflito mais introspectivo, precisando aprender a lidar com a dúvida, a revolta e o luto. Porém, os dois personagens compartilham a necessidade de narrar sua própria história, de encontrar amparo na imaginação e na arte e de ressignificar a dor.

A autora escreve enredos que oferecem ao jovem leitor a possibilidade de crescer emocionalmente, convidando-o a refletir e entender a complexidade de seus próprios sentimentos. Assim, Bojunga, ao inserir em suas narrativas temas considerados fraturantes, faz com que a sua produção literária desempenhe um papel humanizador, não perpetuando o hábito de simplificar o mundo e torná-lo utópico nas obras juvenis, mas sim apresentando de maneira adequada ao seu leitor as angústias e os incômodos típicos da vida humana. Dessa forma, os resultados da análise mostram que, em ambas as obras, a autora articula ficção, fantasia e introspecção como caminhos da construção do eu, mostrando que a literatura juvenil pode ser espaço de formação emocional e ética e um exercício de empatia e autoconhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a presença e o tratamento dos temas fraturantes nas obras *A bolsa amarela* (1976) e *O meu amigo pintor* (2006), de Lygia Bojunga, investigando de que modo a autora contesta a visão idealizada de infância e propõe novas possibilidades de leitura da subjetividade infantil e juvenil. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter interpretativo, permitiu compreender como Bojunga transforma experiências dolorosas - como o silenciamento, a solidão e o luto - em oportunidades de reflexão e amadurecimento, tanto para as personagens quanto para o leitor, revelando a potência formativa e humanizadora da literatura.

Os resultados apontam que a autora rompe com o modelo tradicional de literatura infantil e juvenil de cunho moralizante ao conferir aos protagonistas a capacidade de sentir, desejar e questionar o mundo à sua volta. Em *A bolsa amarela*



(1976), a fantasia se torna um espaço simbólico de resistência e autodescoberta, enquanto em *O meu amigo pintor* (2006) o luto e o silêncio se convertem em caminhos para a elaboração do sofrimento e a compreensão da finitude. Em ambas as obras, Bojunga humaniza a infância e a juventude, apresentando-as como fases complexas, repletas de contradições e densidade emocional, distanciando-se das representações idealizadas e ingênuas que marcaram períodos anteriores da Literatura Juvenil brasileira.

Do ponto de vista teórico, as discussões ancoradas em Ariès (1978), Locke (2019), Lajolo e Zilberman (2017), Corso e Corso (2013) e Andruetto (2012) evidenciam que a literatura juvenil, ao abordar temas sensíveis, contribui para a formação de leitores críticos e empáticos. Essa abordagem literária reconhece a criança e o adolescente como sujeitos de experiências legítimas, cujos conflitos, dores e descobertas fazem parte do processo de constituição identitária e emocional.

Sob uma perspectiva pedagógica, a análise reafirma a importância de incluir nas práticas escolares narrativas que explorem as dimensões afetivas e simbólicas da existência humana. Trabalhar com obras como as de Bojunga permite ao professor atuar como mediador sensível, promovendo o diálogo entre ficção e realidade e favorecendo a educação emocional e ética dos estudantes. Assim, a leitura literária deixa de ser apenas uma ferramenta de ensino de língua para se consolidar como experiência estética e formativa, capaz de ampliar o olhar dos jovens sobre si mesmos e sobre o mundo.

Em síntese, a produção de Lygia Bojunga confirma-se como um espaço privilegiado de escuta e representação da infância e da adolescência. Suas narrativas revelam que a literatura juvenil pode, ao mesmo tempo, encantar e inquietar, abrindo caminho para o autoconhecimento e para a empatia. Ao tratar com sensibilidade temas considerados fraturantes, a autora reafirma a literatura como um território de humanização, onde o leitor, ao reconhecer a dor e a beleza das personagens, também aprende a reconhecer e a ressignificar as suas próprias.

## REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, M. T. Por uma literatura sem adjetivos. Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ARIÈS, P. História social da infância e da família. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BOJUNGA, L. A bolsa amarela. 35<sup>o</sup> Ed. São Paulo: Casa Lygia Bojunga, 2016.



BOJUNGA, L. O meu amigo pintor. 22.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora Casa Lygia Bojunga, 2006.

CANDIDO, A. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CANDIDO, A. Personagem no romance. In: CANDIDO, A. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Artmed Editora, 2013.

CUNHA, M. A. A. Literatura Infantil: teoria e prática. 18.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2006.

FERREIRA, J. B. A.; SILVA, S. A.; OLIVEIRA, P. A.; CARVALHO, E. L. L. Perda e luto na infância: o desvínculo e suas consequências na formação do psiquismo. Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos, 2011.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. Literatura infantil brasileira: uma nova outra história. Curitiba. PUCPR, 2017.

LOCKE, J. Ensaio sobre o entendimento humano. São Paulo: Martins fontes, 2019.

SOARES, M. Alfabetização e letramento. 6.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2011.

TORRES, W. C. A criança diante da morte: desafios. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

